

AS JOIAS DE BERENICE

Alaor Chaves

Não foi por coisa pequena que o ocorrido agitou tanto a cidade. Aquilo estava longe dia-a-dia local, que era relativamente tranquilo. Uberaba alegrava-se de ser uma cidade mais tranquila que outras do mesmo tamanho ou até menores. E também se orgulhava de ser, desde há mais de cem anos, a Capital Nacional do Zebu. As pessoas comuns haviam incorporado essa distinção à sua autoestima, embora ela lhes trouxesse poucos benefícios palpáveis. Mas não havia na cidade muitos pobres lamentáveis, a maioria da população se sentia incluída, naturalmente na hierarquia que todos reconheciam como parte natural das coisas. A ExpoZebu, que ocorria em cada outono, não era uma festa só dos grandes criadores de zebu, era uma festa da cidade, da qual as pessoas participavam com empolgação. A maioria lamentava não poder comparecer a alguns shows musicais mais desejados, pois os ingressos eram muito caros, mas havia vários shows de entrada barata, em alguns até gratuita, pois algum dos grandes criadores de gado bancava todas as despesas. E o evento, que movimentava toda a cidade, gerava muitos empregos temporários. Os grandes criadores de zebu eram pessoas estimadas, até mesmo reverenciadas pela gente comum, pois suas premiações na ExpoZebu eram emocionalmente usufruídas por quase todos, e na sua maioria esses ilustres cidadãos não eram esnobes que menosprezassem ostensivamente os humildes.

Isso explica porque o assalto à casa de Hildebrando gerou tanta comoção. O casamento de um sobrinho estimado, cuja noiva morava em Uberlândia, explicava a ausência de Hildebrando e toda a família, e como tudo se tornou público os ladrões puderam planejar o roubo. Havia um vigilante, mas ele foi desarmado e imobilizado antes de qualquer reação, e os sistemas de alarme tinham sido desativados. Ação de bandidos bem preparados, e também estritamente profissionais, pois roubaram as coisas realmente valiosas sem causar nenhum dano ou afronta desnecessária. Nem mesmo sujeira ou desordem foi notada quando a família entrou em casa, e como não houve arrombamento o assalto só foi descoberto quando o vigilante foi encontrado amarrado e amordaçado dentro do banheiro de serviços. O cofre de Hildebrando foi violado, e isso foi um feito de especialista, pois um amador não quebraria o código facilmente.

Roubaram-lhe umas tantas barras de ouro e boa quantia de dólares, pois o fazendeiro era frequentador de grandes exposições de gado ao largo do mundo e precisava ter alguma reserva de dinheiro em moeda estrangeira. Um homem viajado que fazia questão de manter-se informado sobre os avanços da pecuária de corte.

Esse foi o roubo maior, e ninguém deu muita atenção ao roubo de um cofre menos seguro no qual Berenice, filha de Hildebrando, guardava suas joias legítimas e até as imitações. Pois Berenice, moça de notável beleza que contava com seus vinte e dois anos, gostava muito de joias. Seu pai, mesmo sendo possuidor de grande fortuna, não cedia aos caprichos da filha, que sempre pretendia as joias mais belas e caras. Dava-lhe algumas de significativo, mas não extraordinário valor, e não podendo ter tudo o que queria Berenice se contentava com imitações de joias de grande beleza. Colares, brincos, braceletes e anéis com pérolas e gemas que deslumbravam muitos e iludiam quase todos. Tudo aquilo havia também desaparecido, mas a perda não era tão relevante, exceto para Berenice, que estava inconsolável.

A polícia foi ágil e competente, o que só acontecer quando a vítima é pessoa ilustre, e não se sabe bem como ela tomou de assalto uma chácara modesta de uma cidade vizinha. Cinco homens jovens bebiam e jogavam baralho, festivamente. Não tinham deixado nenhuma pista, por isso sentiam-se seguros e aguardavam que a poeira se assentasse antes de passar adiante os frutos do seu roubo. Renderam-se, pois as armas que a polícia exibiu eram convencedoras. Vestiram as camisas, pois fazia calor e eles as haviam tirado. Negaram ter envolvimento no roubo, mas a polícia não costuma ser cortês nessas situações, e seus modos de persuasão são eficazes. Confessaram, e depois de algumas admoestações mais severas e dolorosas admitiram ainda estar de posse dos bens roubados. Trouxeram-nos.

– Isso é tudo?

– Tudo.

– Você sabe o que acontece com quem sonega parte do produto roubado.

– Sei, todos nós sabemos.

– Vamos embora, algemem todos e coloquem no camburão – ordenou o tenente.

Hildebrando, a mulher e Berenice conferiam os bens, e ao primeiro exame lhes pareceu que estava tudo certo. Mas o delegado disse que o valor daquele material precisava ser inventariado, aquilo fazia parte do protocolo policial. A avaliação de tudo foi coisa banal, exceto no caso das joias, e nesse caso houve surpresas. Pois todas as joias eram legítimas, e algumas delas eram muito valiosas. Pérolas, diamantes, rubis, esmeraldas, tudo coisa muito preciosa e de grande perfeição, principalmente no caso das joias de Berenice.

– Nunca dei nada de tamanho valor a Berenice, eu mesmo lhe dava o dinheiro e ela comprava suas joias falsas – explicou Hildebrando.

– Mas segundo o perito, não há joia falsa nessa coleção – respondeu o delegado –, e Hildebrando, além de surpreso, percebeu que tinha falado demais, pois aquilo podia incriminar sua filha.

– O perito informou ainda ter avaliado anteriormente algumas dessas joias, a pedido da própria joalheria, a qual não fica em Uberaba, sim em São Paulo. É comum que joalherias façam rigoroso exame de gemas caras das joias que compram.

– É, admito que paguei um bom dinheiro por essas joias, deixei que elas passassem por falsas para a segurança da minha filha.

Hildebrando coçou a cabeça, surpreso e até chocado com o fato incompreensível. Esclareceria aquela questão com Berenice, a única capaz de explicar a posse de joias de tamanho valor, mas isso não foi possível. A moça ficou

muito nervosa e negou-se a dar qualquer explicação. Foi interrogada pelo pai, pela mãe, até pela avó, por quem tinha verdadeira devoção. Todos fracassaram, da moça só obtiveram silêncio e lágrimas. Hildebrando pensou em tudo, em todo tipo de procedimento que pudesse levar à elucidação daquele mistério. Lembrou-se enfim do perito que disse já ter examinado algumas daquelas joias, e o delegado deu-lhe o telefone do perito. Segundo o delegado, ele era uma sumidade que certa vez descobriu que um diamante muito perfeito de origem ignorada era parte de outro maior, roubado e dividido em três. O perito lembrava-se da loja que pedira sua avaliação de algumas daquelas peças antes de comprá-las e não viu inconveniente em informar seus dados. Hildebrando colocou as mais valiosas joias de Berenice em um estojo e viajou com elas para São Paulo. Na loja, em que agendou atendimento para avaliação de joias da sua propriedade, foi recebido por um gerente com terno preto e gravata de seda, em uma sala luxuosa. Ofeceram-lhe café, refrescos e drinques, mas Hildebrando só aceitou um copo d'água. Foi direto ao ponto:

– Quero uma avaliação dessas joias.

O gerente espalhou as joias sobre a mesa, observou uma por uma, com atenção. Em um computador, consultou arquivos que Hildebrando deduziu serem registros de joias que haviam passado pela própria loja. Separou três delas.

– De quem o senhor comprou essas peças?

– Não as comprei, mas estranhamente estão em minhas mãos. Parece que o senhor as viu antes.

– Sim, eu as vendi. São dessas preciosidades das quais tudo fica nos nossos registros. A origem, o destino, os preços. Tenho vaga lembrança também de outras desta coleção, talvez eu as consiga identificar numa pesquisa mais detalhada. O mais estranho para mim é o senhor, seu proprietário, afirmar não as ter comprado.

– Elas não são minhas, são de minha filha. A forma como as descobri é questão íntima. Vim aqui para saber quem as comprou de vocês.

– Esta é também uma questão de caráter privado. E não me sinto com permissão de informar a quem as vendi. Estamos diante de um pequeno impasse, senhor. Talvez eu tenha de contatar o comprador, saber se ele concorda com a informação que o senhor me solicita. Presumo que o senhor entenda por que uma loja não se sente autorizada a informar a quem vendeu um dado produto. Já houve casos em que liberamos esse tipo de informação à revelia do comprador, mas isso foi sob ordem judicial.

Hildebrando entendeu muito bem, lembrou-se de suas transações bancárias, que também são sigilosas, das suas declarações de renda e de bens. Coçou suas mãos, bebeu o resto da água. Pensando melhor, resolveu aceitar a champanhe que lhe haviam oferecido, pois se sentiu nervoso e a bebida poderia acalmá-lo. Uma de duas taças lhe foi entregue, e o gerente não aceitou a dele. Hildebrando também entendeu essa abstenção, pois o gerente não poderia beber tudo o que se servia aos grandes clientes sem danificar sua saúde, e sorveu parte do champanhe observando o olhar simpático, embora pouco caloroso, do gerente. Agradeceu e foi embora.

Hildebrando pensou e repensou a questão. Não deixaria de levar adiante a investigação da história daquelas joias, mas sabia bem que o desfecho poderia ser comprometedor da moralidade de sua filha, senão até mesmo da legalidade da sua conduta. Sua filha Berenice, tão linda e rebelde, de cuja educação ele percebia agora não ter cuidado tão bem quanto deveria. Desde os quinze, dezesseis anos, ela dava pouca atenção aos estudos, embora fosse inteligente e capaz de obter boas notas, e

muita dedicação a festas e bailes, aos quais sempre comparecia enfeitada com bijuterias e joias baratas ou falsas. Quanto ao seu fetiche pelas joias, ele o havia tratado como um capricho da adolescência que passaria com o amadurecimento. Mas em vez de coisa passageira, aquela obsessão cada vez mais se revelava como um traço permanente da personalidade da moça. Moça que a cidade observava com visível fascinação, embora não sem uma ou outra indagação ou questionamento.

Hildebrando orgulhava-se do esplendor da filha, mas também se sentia apreensivo, e aquele mistério parecia demonstrar que sua apreensão não era infundada. Tentou mais uma vez, sem sucesso, obter da filha a explicação da maneira como ela alcançara a posse daquelas joias. Berenice tinha realmente uma personalidade muito forte.

Foi então que Hildebrando recorreu a um juiz da cidade por quem tinha alta consideração, pois suas sentenças lhes pareciam justas e sábias. E o juiz realmente demonstrou sua sabedoria e isenção ao explicar a Hildebrando que um eventual pedido daquela quebra de sigilo teria de ser precedido de um trâmite processual que o justificasse. Sugeriu que ele constituísse um advogado, e Hildebrando conhecia muitos. Não que fosse homem de desentendimentos que requeressem ação da Justiça, mas porque esses conflitos eram comuns em seu meio, e ele eventualmente acompanhasse discretamente processos judiciais de amigos e conhecidos. Para um advogado da categoria daquele que ele contratou, a ação pareceu simples, e ele redigiu uma petição que o juiz deferiu agilmente. Hildebrando tinha enfim a sentença que o joalheiro exigia.

O gerente da joalheria examinou a ordem judicial e achou por bem também agir de maneira formal, para ter registro de que a sentença tinha sido cumprida. Redigiu um relatório breve, mas completo e objetivo, das vendas, com as datas das transações e o nome do comprador. Imprimiu três vias e pediu que Hildebrando assinasse a confirmação do recebimento que vinha no final do relatório. “Esta terceira via será entregue ao juiz ordenador do relatório, e é preciso que o senhor a assine”, explicou o gerente a Hildebrando. “Esta aqui é do senhor”. Só ao final de tudo Hildebrando realmente leu o documento. E o coração palpitou ruidoso e acelerado em seu peito, pois o caso lhe pareceu muito grave. Tentou aparentar calma, o gerente não precisava ficar ciente de coisas de caráter tão subjetivo. Elas eram muito subjetivas e fortes, pois o comprador de todas as três joias era Fernando, um pecuarista jovem que havia herdado uma das maiores fortunas da cidade. Tinha uns trinta anos e havia se casado seis anos atrás com Dulcineia, também filha de um criador de zebu.

Fernando, o elegante e ativo Fernando, que continuava acumulando os maiores prêmios nas competições de zebu, como antes dele haviam feito seus antecedentes. A esses prêmios públicos o cretino juntara outro prêmio secreto, o de sedutor de Berenice, linda e cortejada pelos rapazes mais cobiçados da cidade. Pensando nessas coisas e o coração pulsando forte, Hildebrando percebeu repentinamente que estava amassando em suas mãos o envelope que o gerente lhe entregara. Colocou-o rapidamente na pasta, na esperança de que o gerente não tivesse percebido. Bebeu um resto da água e estendeu a mão fria ao gerente, que teve a elegância de disfarçar a observação de todos aqueles atos.

Hildebrando saiu da joalheria levando consigo um drama, e além dele um dilema que estava longe de ser simples. O taxi que o gerente lhe fizera a cortesia de solicitar o aguardava diante da joalheria. Hildebrando pediu ao motorista que o levasse ao aeroporto. Estava desacompanhado, pois desta vez não trouxera nada de grande

valor monetário. O drama de Hidelbrando não era pequeno, sua filha era amante de Fernando, um rapaz casado que toda a cidade respeitava. Aquilo lhe doía muito, e além da dor restava-lhe a incumbência de colocar sua mulher a par de tudo e tentar dar-lhe força para tudo resistir. Isso seria coisa demorada, só lhe restava juntar forças e aguardar a evolução dos fatos. Mas o dilema era coisa urgente e cruel, com apenas duas opções, como todo autêntico dilema. A primeira, expor tudo abertamente, o que resultaria em um grande escândalo, além da desmoralização pública da sua filha e a provável ruína de um casamento. A segunda, guardar tudo como um segredo de família e impedir a continuidade do namoro. Naquele momento, as emoções impediam até mesmo que ele ponderasse as coisas com serenidade. Sentia ódio da filha e também piedade. Sabia bem que no final a perdoaria, pois seu amor por ela era grande. Sentia-se também humilhado, revoltado contra si mesmo, decepcionado com sua incompetência na lida com o estranho capricho da filha.

Para que a tarde de Hildebrando se completasse ainda mais insuportável, o trânsito estava um horror. Congestionado, ruidoso, raivoso. Por perto, os sons irritados que se conseguiam discernir, ao fundo o grave murmúrio da cidade. Os motoristas gesticulavam, xingavam. A mãe de nenhum dos outros era virtuosa. Sorte que o taxista que o levava se mantivesse calado, mas ele acabou também se queixando.

– É essa a vida que taxista leva nessa cidade. Quando não é assim é ainda pior, depois das cinco horas o trânsito trava. E para agravar, as obras públicas que nunca terminam.

– Sua rotina pode ser ruim, mas hoje meu dia tá pior que o seu.

– Pior? O que de tão grave te aconteceu?

– Uma história longa. Roubaram-me umas coisas e as recuperei. Mas há pouco descobri que teria sido melhor se eu não as tivesse recuperado.

– Lamento, doutor, cada qual tem seu problema. Lamento. Esse carro já ouviu muita coisa esquisita, quase inacreditável.

Pelas últimas palavras do taxista, Hidelbrando notou que ele esperava que a conversa continuasse. Sua resposta tinha instigado a curiosidade do homem, certamente habituado a ouvir desabafos de passageiros exasperados. Permaneceu em silêncio, mas depois de alguma hesitação se justificou:

– Estou meio em estado de choque, vou tentar relaxar um pouco.

Buscando apaziguar-se, Hildebrando praticou uns exercícios de respiração lenta e profunda. O taxista notou seu esforço e colaborou, aumentando a refrigeração do carro.

– Ficou melhor assim?

– Ficou ótimo, fico agradecido.

Hildebrando evitou pensar mais no seu problema. Até mesmo porque não estava em condições de decidir o que fazer. Adiaria a decisão para quando se acalmasse. A atordoada cidade movia-se para trás nas laterais do carro, carregando por sua vez seus incontáveis dramas.